

Manoel d'Almeida Filho

# A ilha misteriosa ou a coragem de Solon

Este mundo representa  
Um teatro em nossa vista  
Enquanto o pobre sofre  
Gosa o capitalista  
Enquanto um se diverte  
O outro serve de artista.

Enquanto um luta na vida  
Com trabalho e sacrifício  
O outro arranja fácil  
Sem enfrentar precipício  
Enquanto um faz a comédia  
O outro dá o início.

Há muitos séculos atrás  
(Num reino do Oriente)  
Apareceu um misterio  
Que assombrou muita gente,  
No meio do oceano  
Para o lado do nascente

Com muitas leguas da terra  
Dentro das aguas do mar  
Surgiu uma grande ilha  
Que fazia admirar  
Do reinado Persiano  
Podia se contemplar.

No centro havia um castelo  
Parecia um paraíso  
Com um letreiro escrito  
Dizendo: «Leia o aviso,  
Quem vir aqui se despeça  
«Até dia de juízo»

De formas que essa ilha  
Causou grande confusão  
Vinha gente para vê-la  
Quase de toda nação  
Porém para chegar perto  
Ninguém tinha coração.

O reinado Persiano  
Tinha sua grande herdeira  
A princesa Carmelita  
Em belesa era a primeira  
Tinha as feições de Venus  
Nos pés da brisa sagueira.

Uma tarde Carmelita  
Numa praia passeava  
Um vento misterioso  
Pela princesa passava  
Levou-a por cima das águas  
Que nem os pés não molhava.

As amigas quando viram  
Correram horrorizadas  
Foram dá parte ao rei  
Como loucas assombradas  
Dizendo que aquilo era  
Feitiçaria das todas.

O rei sabendo a noticia  
Achou que não tinha trilha  
Foi olhar com um binòculo  
Ainda viu sua filha  
Quando entrava na porta  
Là no castelo da ilha,

O rei mandou num navio  
Um batalhão bem armado  
Dizendo ao comandante  
Que seguisse com cuidado  
E trouxesse a sua filha  
Como unico resultado.

Chegando perto da ilha  
Se houver opposição  
Prepare seus artilheiros  
Lute com disposição  
Traga a moça embora deixe  
A vida do batalhão.

Naquela hora o navio  
Já na agua deslisava  
Com trez dias e trez noites  
Perto da ilha chegava  
O rei com o seu binòculo  
Do palacio observava

Viu quando o grande navio  
No cais da ilha atracou  
Em toda ordem de guerra  
A grande força saltou  
E no portão do castelo  
A tropa toda entrou.

O rei que estava atento  
Já olhava com sobrôso  
Quando appareceu um leiteiro  
Dizendo: "Em meu calabouço  
Essa tropinha que veio  
Não dá para meu almoço.

O rei que leu o leiteiro  
Ficou entusiasmado  
Preparou toda esquadra  
Do seu possante reinado  
E mandou cercar a ilha  
Fazer um fogo cerrado.

Partindo a grande esquadra  
Cercou a ilha falada  
Os canhões abriram fogo  
Numa possante rajada  
Porém no grande castelo  
Balas não faziam nada.

Com dez dias de batalha  
Na grande revolução  
Surgiu uma ventania  
Que parecia um vulcão  
Dominou toda esquadra  
Esse enorme furacão

Então a possante esquadra  
Na ilha foi arrojada  
A tropa em desespero  
Foi toda desembarcada  
E depois para o castelo  
Foi a força arrebatada

— 3 —

O rei contemplava a cena  
Metido em tais embaraços  
Dos seus navios de guerra  
Só existiam retrazos  
Das bandeiras ao vento  
Inda avistava os pedaços.

O rei formou o conselho  
Chamou cada concelheiro  
Para enfrentar o misterio  
Com o seu povo guerreiro  
Ou salvar a sua filha  
Ou morrer o derradeiro.

Disse o ministro da guerra  
Eu juro por Deus Eterno  
Que se ei de ir a ilha  
Vou escrever um caderno  
Levar carta ao diabo  
Nas trez portas do inferno.

Não vou eu, nem meus soldados  
Nem os paizanos também  
Cair na boca do lobo.  
Que quem vai lá nunca vem  
Mesmo não sirvo de bucha  
Pra barriga de ninguém.

O rei vendo essa resposta  
Ficou pisando em brasa  
Disse: só não vou susinho  
Porque o reino se arrasa  
Mesmo eu tenho coragem  
Porem o medo me atrasa.

Se aparecer um valente  
Que tenha o desafio  
De descobrir o misterio  
Faz parte no meu tesouro  
Recebe um lindo condado  
E dez mil contos em ouro

E se a princesa for viva  
Saindo do cativeiro  
Como tambem quem salvá-lo  
Se for um rapaz solteiro  
Será o esposo dela  
E do meu reino o herdeiro.

O rei botou um artigo  
Em todos jornais que tinha  
Dizendo: "Quem quizer vir  
Fazer a vontade minha  
Escreva para São Pedro  
E dê adeus a farinha".

A noticia dessa ilha  
Correu em toda paragem  
Apareciam valentes  
Porém só na pabulagem  
Quando avistavam a ilha  
Perdiam toda coragem.

Então aqueles afoitos  
Queriam ver o segredo  
Tomavam embarcações  
Marchavam para o degredo  
Porém antes de chegarem  
Morriam só com o medo.

— 1 —

40

Em um paiz bem distante  
Habitava um belo moço  
Que dizia obertamente  
— Sou mais duro do que esse  
Nunca encontrei mistério  
Que me fizesse sobroço.

Vou embora pelo mundo  
Ver se acho a quem atoque  
Porque quando tenho reivo  
Bebo um pouco de conhaque  
Se encontrasse o diabo  
Matava ele de baque.

Esse moço era Solon  
Que tinha perdido os pais  
Abandonou seu paiz  
Para lá não voltar mais  
Partiu que sô Oliveiros  
Pra lutar com Ferrabraz.

Com trez mezes de viagem  
Um dia pela tardinha  
Muito fora da estrada  
Avistou uma casinha  
Foi lá e bateu na porta  
Lhe saiu uma velhinha.

A velha disse: meu filho  
O que andas a fazer?  
Solon respondeu a ela:  
— Viajo para sofrer  
Arranjar felicidade  
Ou pra matar ou morrer.

— Se tu tiveres coragem  
Eu dou o que vens atrás  
Soion então respondeu:  
Meu destino é tão voraz  
Que entro até no inferno  
Trago preso o Satanaz.

Disse ela: então me ouça,  
Tenha em mim confiança  
Eu dou-te a felicidade  
P'ra fazer uma vingança  
Com o monstro dos misterios  
Da ilha da "Pedra Mança."

Ele é um corpo sem alma  
Tem um poder esquecido  
O couro dele é mais duro  
Do que pedra de granito  
Porem eu te dou as armas  
Com que venças o maldito.

Solou disse: eu preparado  
A' esse monstro espedaço  
Sendo pedra eu dinamito  
Vêjo voar o bagaço  
Se for de aço eu quebro  
Sendo de ferro eu amação.

— Deus permita que na luta  
O monstro você afoite  
Porem com a "Pedra mança"  
Peço que não se afoite  
Que caotem todos misterios.  
Da fada da meia noite.

A fada quando morreu  
Como era minha irmã,  
Deu-me a pedra de presente  
Que era um talismã.  
Porém um bruxo roubou-me  
Um dia pela manhã.

De posse da "Pedra Mança"  
Numa ilha transformou  
E com a força que tinha  
Um misterio preparou  
Tirou a alma do corpo  
Numa lâmpada colocou.

A lâmpada é a vida dele  
Que conserva bem guardada  
Num grande subterrâneo  
Se desce por uma escada  
Ele só morre algum dia  
Se a lâmpada for apagada.

No fim da escadaria  
Com mil metros de altura  
Está a vida do monstro  
Garantida e bem segura  
Guardada por trez cachorros  
De monstruosa figura.

Depois dos cachorros tem  
Batalhões de esqueletos  
Todos de olhos de fogo  
Com pestanas de gravetos  
As linguas desses fantasmas  
Furam mais do que espêtos.

Vença tudo com coragem  
Veja se luta e não corre  
Que tendo disposição  
O meu poder te socorre  
É apagando a lâmpada  
O monstro perverso morre.

Aí quebra-se o misterio  
É senles um calatrio  
A ilha desaparece  
Nas aguas do mar bravio  
Ficas em cima da pedra  
Que te leva ao navio.

Tambem vês uma princesa  
Na flor dagua flutuando  
Há trez anos vive preso  
O monstro a castigando  
Salva que é tua noiva  
Que está te esperando.

Tome leve esta espada  
Siga com disposição  
Esta arma é magnética  
É estando em tua mão  
Tem o poder dos planêtos.  
É a força de Sansão.

Leve tambem este onel  
Que tem poder e critério  
Você com ele penetra  
Em segredo muito sério  
Chegue na ilha e procure  
O alçapão do mistério

60  
A velha disse a Solon  
Onde ficava o reinado  
O rapaz seguiu disposto  
Com um mez era chegada  
Dizendo que ia a ilha  
Do povo foi criticado.

Porém falou com o rei  
Que deu uma embarcação  
Solon partiu com coragem  
Não levou tripulação  
Chegou na ilha foi logo  
A boca do alçapão.

Desceu com toda coragem  
Naquela escada escura  
Surgiu um grande cachorro  
Com dois metros de altura  
Solon pegou na espada  
Para mostrar a bravura.

O moço enfrentou o monstro  
Que não pedia socorro  
Quando a espada descia  
O sangue corria em jorro  
Era maior que um pires  
Cada olho do cachorro.

A espada magnética  
Voava fogo do aço  
Em todo canto que ia  
Via cair o pedaço  
Com dez minutos de luta  
O cachorro era bogaço.

Solon desceu novamente  
Procurando pelo tato:  
Via surgir outro cachorro  
Mais ligeiro que um gato  
Esse tinha cada olho  
Do tamanho de um prato.

Era um cão monstruoso  
Astuto, ligeiro e "brabo"  
Deslisava na espada  
Que parecia um quiabo  
Voava fogo dos olhos  
Igualmente ao diabo.

Dorem Solon era forte  
Deu nele um contra-passo  
O golpe pegou de jeito  
Que relou o espinhaço  
Com mais duas espadadas  
Só caiu lá o "cangaço"

Tornou descer a escada  
Já no fim encontrou mais  
Outro cachorro enorme  
Com dentes descumunais  
Com cada olho de fogo  
Qu' assombrava o satanaz.

Esse era agigantado  
Solon viu fez um esbarro  
Cada presa do cachorro  
Era maior que um jarro  
Tambem tinha cada olho  
Como uma roda de carro.

O cachorro abriu a bôca  
Que cabia um Elefante  
Porem Solon preparado  
Com a espada possante  
E o anel que lhe dava  
A força de um gigante.

Pattiu, enfrentou a fera  
Como um leão destimido  
Porem com esse cachorro  
Ele encontrou um marido  
Já lutava vendo a hora  
Que ia ser engolido.

Solon já muito cauçado  
Esperou-o pela frente  
Quando meteu a espada  
Viu sair um vento quente  
O golpe pegou na bôca  
Que não ficou um só dente.

O cachorro deu um pulo  
Rodou como quem desanda  
Solon tambem deu um salto  
Como quem vai e não manda  
Meteu-lhe a outra espada  
Abriu-lhe a cabeça em banda.

Quando o cachorro morreu  
Solon, por uma janela  
Viu n'a mesa de cristal  
A lâmpada em cima dela  
Mais de dois mil esqueletos  
Botando sentido a ela.

Solon partiu para lá  
Foi um escangalho prêto  
Os fantasmas avançaram  
Cada um com um espêto  
Solon com cada espadada  
Desmanchava um esqueleto.

Um fantasma deu um salto  
Pegou-o pelo pescoço  
O rapaz deu-lhe um balão  
Que o "cabra" comeu grosso  
Bateu em cima no fôrro  
Não ficou inteiro um osso.

Solon pegava fantasma  
Fazia molho de trez  
Jogava em cima dos outros  
Com destresa e rapidez  
Via cair as ossadas  
De dez doze de uma vez.

Para o lado dos fantasma  
A luta estava perdida  
Porque já haviam poucos  
P'ro Solon estava vencida  
Nisso apareceu o monstro  
Que vinha salvar a vida.

O moço então enfrentou-o  
Não quiz medir os horrores  
Quando meleu a espada  
Sentiu um choque de dores  
Também viu voar linguêta  
De fogo de todas cores.

Tornou meter a espada  
Sentiu o braço enfiado  
Solon deu um passo a traz  
E ficou desanimado  
Porque na bôca do monstro  
Não dava um saca-bocado.

O monstro com todo orgulho  
Deu no moço uma pesada  
Porem Solon delendeu-se  
E deu-lhe outro espadada  
O monstro partiu em cima  
Arrebatou-lhe a espada.

Solon se vendo perdido  
Só viu a luz amarela  
Pulou em cima da lâmpada  
Quebrou e apagou ela  
O monstro deu um gemido  
E esticou a cauela.

Naquela hora Solon  
Ouviu um grande trovão  
Estava em cima da pedra  
Com a espada na mão  
Só via o oceano  
E a sua embarcação.

Olhou de um lado e viu  
A princesa se afogando  
Quando salvou-a sentiu  
Que ia se apaixonando  
E a princesa também  
A ele ficou amando.

Seguiram para o <sup>3.º</sup>reinado  
Na pequena embarcação  
Levaram a pedra da velha  
Com grande satisfação  
O anel e a espada  
Que foram a salvação

Quando chegaram no porto  
Subiram fogos no ar  
A alegria foi tanta  
Que não posso avaliar  
Todo povo do reinado  
Foi a Solon abraçar.

Para prestar homenagem  
Ao moço vencedor  
Seguiram para o palacio  
Num cortejo de valor  
Solon foi de cadeirinha  
A princesa em um andor.

Chegaram lá se casaram  
Naquela hora sagrada  
P'ra felicitar os noivos  
Veio a velha irmã da fada  
Levou sua "Pedra Mança"  
O anel e a espada.

A ilha misteriosa  
Levou muitos para morte  
Mas Solon com a espada  
Enfrentou o monstro forte  
Limitou a Oliveiros  
Deu lição aos guerreiros  
A vida é p'ra quem tem sorte

23/11  
Sobrinho (C)

Rodolfo Coelho Cavalcante

(TROVADOR POPULAR)



Rua Alfredo Brito, 20

(1º andar)

SALVADOR—BAHIA